Luiza Possamai Kons

CHÈCHE LAVI

As histórias de quatro famílias haitianas no sul do Brasil



CHÈCHE LAVI

As histórias de quatro famílias haitianas no sul do Brasil

Expediente

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Jornalismo
Trabalho apresentado à disciplina de
Projetos Experimentais em 2°/2016
Orientadora Prof.° Flávia Guidotti
Acadêmica Luiza Possamai Kons
Diagramado por Elva Gladis

CHÈCHE LAVI

As histórias de quatro famílias haitianas no sul do Brasil

Luiza Possamai Kons

Florianópolis, 2016

À Nahomie Lourore e todos os seus irmãos de terra. Corajosos desabravadores de sonhos.

“C’est la vie, os ventos do Norte não moveram moinhos algum, onde sangra uma América senhorita aprendemos com nossos avós, mesmo que europeus, asiáticos ou médio-orientais sobre tudo África (África übber alles). C’est la vie de onde o Caribe prenuncia estradas para uma sudamerica cheia de destinos. Na liberdade um texto escrito em três, quatro, cinco línguas o ‘R’ aprendeu a ser dito. Malditos dias, benditos encontros.”

Elian Woidello

Prefácio

No vaguear os dedos vão percorrer as páginas, e vão tomar conta de quatro histórias. Quatro famílias de sangue, de momento ou de alma. Não importa. Importa que é gente que pulsa. Gente que baila a vida com movimento de ir e vir. Carrossel que se mistura na gira da alegria, do anseio, da tristeza, da força, do medo e, sobretudo, da coragem. Sonho e persistência bordado na mão que segura carne, polvilha cal, forma letra. Haiti que se afasta nas montanhas e que se guarda.



Xaxim

“Tenho essa ilha no coração
Sou cálida como sua terra
Vivaz como seu sol
Profunda como seu mar.”

Marie-Claire Walker



Terra que planta

No sobe e desce dos morros de Xaxim, no oeste de Santa Catarina, a gente de pele branca cruza com a gente de pele preta. Às vezes os olhos se cruzam e se sorriem, às vezes se desconversam. Não importa. Importa para Donéze Jules descer para chegar a empresa Aurora e subir para voltar para casa. Os pés que não gostam de ser fotografados com calçados descorados pelas marcas do senhor tempo, percorrem a pequena calçada para chegar no lugar que se levantam e dormem em sua essência de descanço, em pé.



Mas quando chegam mãos e pés, com seus trinta anos, vão encontrar seus pares e se conversar. Os dedos dela vão tocar os dedos de Pierre Sanon com, também, trinta anos de memórias e histórias. E quem sabe as mãos que se amanhecem e se florescem rápidas do pequeno Antony, indiquem a fome do menino flor pelo néctar. Tudo vai ser rápido. A beleza da planta depende da água. E depois do girar de promessas da noite, chega o dia para cobrar o sonho.


MSA
X1S

Os olhos tímidos e silenciosos de Pierre vão despertar antes dos raios amarelo alaranjados do sol. A bicicleta dele vai girar sem dificuldade na longa ladeira, enquanto Donéze descansa seus olhos calmos na cama ao lado do berço. Às cinco da manhã os ruídos chiam impiedosos na fábrica da Rafitec. As mãos colocam e tiram os tubetes que se vestem feito noivas com os brilhantes fios brancos, que vão se casar com outras substâncias e virarem embalagens de quem sabe uma valorizada ração ou se tiverem menos sorte, um esquecido pacote de sal.



Depois que os tubetes se enchem, o carrinho percorre os largos corredores e avista vastas pilhas de caixa. É hora de pegar outras noivas. A rotina circular do carrinho, da bicicleta e dos tubetes ocorre das cinco e trinta a uma vinte, a cada seis dias. Depois vêm as quarenta e oito horas do descanso físico do corpo do homem. Porque a cabeça, essa continua na gira:

– Eu pensei voltar para a escola, mas é muito difícil, tenho meu filho para cuidar e é muito caro, porque eu trabalho. Levanto às 4 da manhã. Se eu fosse para Chapecó estudar, iria chegar 22, 23 horas da noite.



Os olhos de Antony são curiosos e travessos. No rodar aparentemente sem sentido da motoca azul no chão de madeira, ensaia as primeiras criações infantis pouco antes de completar um ano. Donezé substitui o casaco de oncinha por uma roupa menos quente para que o pequeno brinque. Os vislumbres pela infância vêm de antes. Em sua cidade, Les Cáyes, estudava para cuidar de bebês. Há dois anos e meio a mulher corajosa veio com o primo Esau Jules ao Brasil, mudar de prumo e começar outra vez. Seis meses passados e Pierre largou a graxa da mecânica e os ares caribenhos para voltar a fitar olhos calmos e aconchegantes de Donéze.



Às vezes a distância é questão de perspectiva. Ainda que esteja longe da irmã mais velha... A irmã que a criou e preservou em sua memória a imagem da mãe de longas tranças e quadril largo. A mãe que virou sopro e se foi com o vento quando Donéze nem sabia que mulher faz gota vermelha. Ao abrir a porta, o sonoro crioulo vai surgir na forma de Belcom Neptume. Enquanto o português não vira oração subordinada, o sorridente Neptume ajuda a cuidar do pequeno dos olhos curiosos e travessos.



As mãos cortam a banana verde. Não falta muito para que elas sejam colocadas dentro de luvas que, embora térmicas, não vão impedir que as unhas sedescolem e as articulações doam durante o corte da carne de frango. O óleo já está quente, e a banana se doura. Donéze também quer substituir a Aurora pela Rafitec. A banana é amassetada entre dois pratos, colocada em uma mistura de sal e vinagre e ganha outro banho dourado. A carne é colocada no prato, com molho e a banana frita:

- Eu trabalho na Aurora há quase dois anos e ganho pouco. Aurora dá R$ 1250,00 mas fica R$ 1050,00 por causa da roupa e do protetor de ouvido.



Agora as mãos são firmes e delicadas a um só tempo. Colocam o pequeno Antony na banheira. A casa de quatro cômodos se perfuma. As lágrimas escorrem nas feições dengosas de criança. Donezi ensaboa e enxagua os cabelos infantis que só serão cortados após um ano para não perderem força. Depois vêm os hidrantes passados em toda a extensão centimitreca. É nos braços da vizinha e madrinha brasileira Arlete, de cinquenta e três anos, que os braços do olhar travesso vão se aconchegar e serem levados até a creche Tia Prosperina, a algumas quadras de distância. Donezi sai. A porta é deixada aberta, já é quase tempo de Pierre surgir.



Tia Prosperina quem sabe veja no trocadilho de próspero a imigração. Porque imigrar é corrente que pulsa e que vai sem se importar se é veia ou artéria. Antony chega e vai ser colocado ao lado da fileira de carrinhos de bêbe. Na mesma sala estão Valentina e David, também nascidos em terras brasileiras. Nos ambientes dos maiores estão outras duas crianças filhas de haitianos. Por volta das cinco horas, os bebês voltam aos colos de pais e mães. Assim como Pierre, Robert, pai de Valentina e Gerard, pai de David, buscam os filhos na Prosperina.



De cócoras ao redor da larga bacia de metal, as mãos de Esau esfregam com força as roupas brancas. Diz-se que lá no Haiti é o sujeito masculino quem desempenha a atividade. Mas, na pequena Xaxim, basta direcionar a cabeça para cima que vê-se ao lado a prima Donéze a tirar e colocar roupas coloridas no tanquinho. Sábado é dia de lavar, estender e troçar. Fequens Jean está ao lado, tímido e desconfortável com a câmera. Sorriem-se os sorrisos brancos e cúmplices dos primos que entoam em coro:

- Tira foto dele. Tira. Ele gosta.


SER
aurora
CHAPECÓ- SC

Os olhos calmos são firmes e direcionam que é hora de captar outra cena. Entre o corredor estreito das paredes verdes da casa de Antony e a parede de tijolos das casas dos irmãos de ilha, Esau senta-se enquanto Belcom, concentrado, passa a máquina no cabelo curto. No sofá de capa verde estão Antony, Donéze e Jean. Os ouvidos próximos aos olhos curiosos e travessos do pequeno, escutam entendidos o crioulo, talvez sem tomar nem conta que a boca vai cantarolar e chamar de sua também o francês e o português. No português que se desenha mais claro, Eusau recita o porquê os cabelos vão ao chão:

- Deus não gosta de homem com o cabelo comprido.



Palotina

“Nosso amor esse gigante
que desafia tormentas
Nosso amor essa joia
tecida de mil lutas
Nosso amor esse sonho
enorme essa grande loucura
Para sobreviver necessita
que o dia seja mais puro.”

Michaelle Lafontant



Água que rega

Na beleza da terra vermelha, das vastas plantações ora de milho, ora de soja, vezem quando se esquecem as manchas. As casas se pintam de cores escuras ou se estão na cidade, agradecem o asfalto. Como se aquilo que pintasse fosse ruim. Como se aquilo que crescesse nas beiradas fosse menos flor. É em Palotina, região oeste do Paraná, que está Elysée Monjoie, de 34 anos, e Marie Roselande Monjoie, de 32. Cidade de formação recente, colonizada principalmente por descendentes de alemães e italianos, cujo as inovações que estão acostumados é maquinário de roça eveneno potente.



Mas, por hora surgem outras construções e outras histórias, porque imigrar é corrente que pulsa e que vai sem se importar se é veia ou artéria. Para Elysée, é no coração que chega. Marie Bertude Gaston, de 26 anos, viu o marido partir há dois anos e meio do Haiti. A pequena Wooberline, hoje com dois anos, ainda brincava de peixe na barriga da mãe, e o filho Roodyoume, hoje com seus cincos anos feitos, talvez não entendesse o porquê o pai caçava futuro longe. É que se destino vier gravado na certidão, o nome bíblico foi sempre uma pista.



O caminho das parábolas bíblicas se desenhou na Igreja de Deus Missão Monte das Oliveiras no Brasil, 1° Igreja Haitiana (Morog). Elysée, que estudou teologia na República Dominicana para ser Diácono e pastor, chegou na terra vermelha para firmar a primeira sede da Morog. No corredor está Jean Bonheur, de três anos, filho de um primo de sua irmã. Durante o culto as crianças circulam livremente e vez em quando, alguém as pega no colo, todos são um pouco pai e um pouco mãe.



Muitos dos cerca de 70 fiéis carregam laços de sangue, outros só de amizade, mas não importa porque no final todo mundo tem que ser meio família para manter a igreja de pé. O aluguel da sala comercial localizada na região central da cidade, onde está a sede, custa R$ 1.320,00, e cada um contribui com o que pode. Os cultos ocorrem sexta-feira à noite, domingo de manhã e domingo pela noite. Mas é no domingo de manhã que todas as cadeiras cumprem sua função de serem sentadas.


CHANTS

Passa um pouco das oito horas quando a rua começa a se colorir. Marie e as outras mulheres do coral vêm com suas saias pretas e blusas vermelhas, os homens do coral com suas camisas coloridas. As bicicletas são amarradas nos postes, os pés femininos substituem os saltos baixos por degraus maiores. Os olhos curiosos dela se concentram e se confortam. Sabem que ao passar as portas de vidro vão surgir os ares tropicais e toda a magia da ilha. Alias quatro semanas de Brasil não são impedimento.



O crioulo move as línguas e apimenta as discussões da bíblia no estudo dominical. Mulheres de um lado, com seus lenços cobrindo cabelos presos em coques ou trançados, e os homens do outro. A bíblia brota em canção. Brota, venta e arrepia. As vozes se mesclam e se fundem, se confundem, dança que gira invisível. Veem as palavras do Diácono Elysée que sem tomar conta, também faz agitação com a boca:

- Têm que gostar de seus irmãos não importa se é bonito ou se é feio. A bíblia diz que somos todos iguais.



A igreja é respiro para o asfalto avermelhado do lado de fora. Jean Miteran Bonheur, de 24 anos, tio do pequeno Jean, teve a sorte de não ver o trabalho minguar como o de outros amigos da igreja. As mãos arrastam as prateleiras cinzas onde 240 mil ovos são ordenados e colocados por dia em incubadoras com aspecto de ficção científica. O sonido dos 200 mil pintinhos que são levados todos os dias para granjas de agricultores, ocupam o espaço sonoro da C. Vale, cooperativa que emprega boa parte dos haitianos que vivem na cidade.

- Quero voltar para o Haiti. Não tenho nenhum amigo que queira vir para cá.



A nova vizinhança se aproxima para ver o movimento, das diversas casas com parede de PVC, quatro são de haitianos. Há menos de duas semanas Elysée vivia na mesma casa que Jean. Agora, lida com a mudança, e o sumiço dos trabalhos ora de pedreiro, ora de auxiliar. Em sua cidade, Ganthier, no oeste do Haiti, trabalhava como encanador, eletricista e já deu aulas de física e matemática em uma escola. Em Palotina, no local de busca de empregos ouviu a negativa:

- No SINE, você sabe o que é SINE? Me falaram que é difícil.



O sorriso de pétalas de Marie se abre ao lado de Roberto Majolin, de 32 anos. Ele compartilha com os primos as paredes brancas e, também, se adapta a rotina do novo país. Os dedos dele que arranjam acordes nos cultos da Morog, voltavam de um bico como auxiliar em uma obra. Até agora Roberto não conseguiu nenhum emprego fixo. Em tom de deboche ele comenta com o Diácono as palavras que são instantaneamente traduzidas:

– Ele tá perguntando para você se você não sabe de trabalho, ele é pedreiro.



A conversa é interrompida por uma das vozes femininas do coral da Morog. É Rose com Danicha na garupa da bicicleta. Rose e seu marido, que também integra o coral, são vizinhos da família Monjure. Parada na porta, os olhos curiosos da Marie, que plantava flores em Ganthier, observam a beleza de Danicha, a menina planta. Com pouco mais de um ano, suas raízes não sabem que carregam no sangue as memórias do primeiro país da América Latina a se tornar independente.



O sorriso se pinta como arco-íris de infinitas cores quando segura a menina planta no colo, o dia dos pais se aproxima. Os olhos de fé se fazem longe, querem juntar dinheiro para que a companheira e os filhos venham juntos. Não tem problema. No mormaço da tarde de sexta parecem ressoar as palavras do domingo de manhã:

– Uma pessoa pode viver sem seus filhos, sem sua mulher, você não pode viver sem Deus. Tudo vai, só a palavra de Deus fica.



Florianópolis

“Mais onde, mais onde
Aonde vai ressoar a tormenta
Mais onde, mais onde
Aonde vai uivar o vento
Vento tombador de estrelas
Havia uma vez uma cidade
Havia uma vez um país.”

Anthony Phelps



Vento que leva

Ela ficava sentada atrás da casa com os olhos observadores e de imaginação infindável. Olhava as pessoas de Jérémie que passavam na rua. Depois virava a cabeça e se perdia nas grandes árvores usadas para segurar a terra. Para a direita, a estrada ia cumprimentar o rio que a beijou desde a infância. Agora o vento que brinca com as tranças de Sandra Sanon, 32 anos, é o da jabuticabeira próxima ao Centro Eucumênico da Universidade Federal de Santa Catarina, é ele quem a abraça no invisível para dançar formas na mente da estudante de arquitetura.



Mas, o vento vez ou outra se enfurece. Zumbe o zéfiro. Dessa vez pintou de poeira e destroços Jérémie. Quiseram dar nome bonito ao furacão Mathew. Mas foi o vento. A comida que os dentes mastigam todos os dias no Restaurante Universitário talvez sejam um recordo indigesto de não estar lá. Não poder ouvir a voz de Marie, a irmã mais velha, é vento que revira por dentro. O contato com a mãe e outros irmãos que vivem na capital é consolo. Mas, não há consolo quando se sopra sem dizer:

– Tenho certeza que minha casa não existe mais, fica na frente do mar e tem duas árvores dos dois lados.



Quando a terra zumbiu por baixo e moveu terra, criou vala, engoliu gente e sonho. A cabeça dos da ilha sacudiu junto. Os olhos longilíneos de Samuel sempre vislumbraram um futuro longe. O programa emergencial para que universitários continuassem os estudos, criado pelo governo brasileiro, era criar o próprio chão nas linhas tortas da economia. Samuel conheceria Sandra, formaria amizade firme com Nahomie Laurore em um grupo com cerca de 30 estudantes. Ali em agosto de 2011 ao chegar era todo mundo passarinho caribenho querendo voar.



Os olhos longilíneos não se prendem em gaiola. Os pés se sobem o morro íngreme sem ofensa. Lá em cima estão outros oitos pares de olhos com quem compartilha os dias da ilha de Florianópolis no Atlântico sul. Jackson Mertilus e Romial Bertrand estudaram na UFSC. O amigo Robenson Germeus, que sorri juvenil para Samuel trabalha em um restaurante e se juntou ao grupo. Seja na família de gene ou na família de escolha, o vento pode soprar cruel:

– No início marcavavam reuniões e quase todo mundo estava junto. Porque estava tendo aquela necessidade de luta e permanência, mas agora eles já sabem como fazer as coisas.



No correr das várias horas na biblioteca universitária em que os minutos se alongam ainda mais para decifrar informações para o mestrado em economia sobre o turismo no Haiti. É na igreja Palavra Viva que a vida segue fora do acadêmico. Os olhos se espiritualizam, se apaixonam no relacionamento com a fiel brasileira Flávia Santos. Suas mãos se aproximam das mãos da estudante conterrânea de enfermagem Merlange Baptiste. Ali se encontram os sorrisos de alguns da família de estudantes. É na igreja que os olhos margeiam mais de próximo a relação com o pai pastor, talvez lá dentro também se reavive a memória daquele dia de janeiro:

– Toda vez que a terra tremia você ouvia só um som como se fosse um coral Jesus, Jesus.



Os olhos de Nahomie Laurore te levam sempre mais fundo. É como se ela não dissesse tudo. Como se o seu mundo fosse imenso e propenso a mais. E ela não sabe se fica nessa ilha ou vai para a outra. Quem sabe o vento desenhe uma oportunidade como a do amigo Samy por essas terras. Quem sabe sopre mais longe. Nahomie, que se formou em jornalismo em agosto de 2016, quer que os ares a levem para fazer mestrado no gelado Canadá. Só que o mundo sopra volátil e os sonhos vez ou outra dependem de cifrão.



Os olhos que se fecharam da mãe, Lercélie Paraison, carregavam o mesmo mistério e força. Ela convenceu o marido Odnord Laurore a sair de Léogâne e mudar-se para extensa Porto Príncipe para que os filhos tivessem mais oportunidade de estudos. Nahomie aprendeu com ela que o vento cresce ou encolhe a onda. As pupilas se atentam no curso de manipulação de alimentos. O arroz preto haitiano deve estar quente ao ser servido na segunda feira de imigrantes, as mãos vão ser lavadas várias vezes, e os cabelos presos. Não tem problema.



Imigrar é corrente que pulsa sem se importar se é veia ou artéria. Isso não significa que não dói. Sandra voltou no final de 2011 para o Haiti. Lá sua mão viu aliança. Voltou. Ele viria, mas não veio. É que ela foi criada que nem borboleta que fez casulo mas sabe vai voar. E voou só. Nahomie que também é de asa dividiu confissões daquilo que não foi. Os pés se inclinaram no tango pelos olhos misteriosos. Depois o próprio sopro as afastaria. E aproximaria Sandra dos que movem pés e alma em La Comparsita.



As mãos traçam maquete modernista. Antes das formas contemporâneas, elas sentiam no sol quente a coisa única que é cada porção de solo. Eram os tempos que os dedos anotavam ferozes os cálculos da faculdade de topografia, assim como as mãos inspiradoras do irmão mais velho. Agora quer fazer junção. Voar para a ilha e moldar a terra para ajudar no que o vento embaralhou. E não há corrente ou diferença que impeçam suas asas:

– Sou a dona da minha vida. Posso aprender o que quiser, é uma questão de escolha.



O sorriso de Nahomie é quase asa também. Se abre e voa longe. Ele se toma forma e se mantém. Ao longo do correr do sol conversa crioulo, português, inglês e francês. Porque quando se está longe, a torre de babel é mais densa. Vez ou outra a cabeça vagueia no casulo, no ônibus com o verde e as flores que a levavam a casa do vô Badou em Léogâne. Nos tempos que as mãos dele existiam nesse plano e pairavam sobre as plantações de mandioca, feijão batata. Depois a cabeça volta. Pousa. Recorda que antes de talvez virar professora universitária no Haiti está o ditado de sua terra:

"Atrás de montanhas mais montanhas."


CONSULTEZ-NOS

No terminal Rita Maria, os olhos observadores se *indecidem* sobre qual a melhor poltrona para sentar-se no trajeto até São Paulo. Mas, a indecisão esconde preocupação. Porque Sandra quer sempre mais. Vai fazer o trabalho de conclusão de curso para reconstruir sua Jérémie inteira. Quer novamente olhar a cidade com formato de anfiteatro com suas irmãs e os outros cidadãos caminhando pelas ruas, quer se perder de vista nas grandes árvores atrás de sua casa. E vai. Porque as asas de Sandra podem até bater longe, mas não tem medo de regressar ao casulo.

Curitiba



“Nosso andar é
um grito estacionado.
Por cada passo,
um dia que transcorre.
Por cada palavra,
mil palavras que vocifera a prole.
Que será de nós depois
dessa longa travessia?

Jacques Viau



Fogo que fagulha

Em meio às prateleiras, Pierre Mickenson ordena as embalagens. As mãos são grandes e a estatura também. Mas, ver tamanho não é ver por dentro. Os olhos estão assustados. Há menos de uma hora, homens com coisas que soltam balas amargas haviam assaltado o supermercado Dom Bolinha. Pierre nunca tinha passado por coisa assim. Há mais de um ano trabalha ali e mora na Fazendinha. Na fazendinha de Curitiba, onde caboclo se soma à polacada e à Ucrainada. Onde as casas antigas se pintavam de cores assimétricas e as novas se escondem em muros. Onde na janela tem sempre olho esperto.



Enquanto as mãos seguram a fruta palpável, os lábios desenham magia. Depois que já está escuro e os olhos fixos se fecham. Vez em quando, vem o avô que já vive para lá de longe dessas terras, lembrar seu menino que é hora de continuar os feitiços. Pierre não quer. Mas a mulher de pele branca e cabelos pretos surge que nem leoa, para marcar com sua presa no espírito dele:

– Se quero ver ela uma noite, posso. Acendo uma vela, falo o que tem que falar. Ela no sono vai falar comigo. Só que não faço isso na casa do povo brasileiro. Não é minha casa.



Se virar outro corredor do Dom Bolinha vai encontrar mais gente da ilha. Marrie Dieudany Mercy está parada em frente ao caixa, as mãos empacotam, mas não são elas quem detém. São os olhos da mulher que já viu mais do que seus 45 anos. Que fazia viagem de cinco dias a Santo Domingo para vender, roupas, cremes, desodorantes e o que mais desse para sustentar os cinco filhos. Que saiu para longe para ganhar mais que o equivalente a 200 reais:

– No Haiti não tem trabalho.



Só que o futuro soprou surpresa na barriga. Veio David Mercy, com 2,5 kg, no dia 22 de março. Os lábios do pequeno puxam o néctar da mãe para criar perna e pulmão forte e chegar à Universidade. No passar do dia está na Creche Colombo II, até que ela volte. Sem saber espera os 900 reais. A quantia compra fralda, paga aluguel e 400 reais são mandados para os irmãos. Os olhos que já viram, empurram o carrinho em direção às vielas do Barigui, Cidade Industrial de Curitiba:

– David não tem pai, só eu. No papel de David só tem o nome da mãe.


MULTILASER

As mãos largas também têm seiva a correr em outro broto. Lens Mickensley, de três anos, olha para o pai só assim: pela tela. A mesma raiz em solos distintos. Ao soprar vento na barriga da mãe, Pierre quis dar comprimido que mata broto. O rosto dela regou-se. Depois desconfiou da seiva. Mas aqueles olhos fixos se projetaram em Lens. Hoje as mãos plantam para que o tronco cresça:

– Se não mando dinheiro fico triste, tenho que mandar pelo menos uns 20 dólares.



Na hora do meio dia, Pierre prepara refeição. Déléard Dieuseul, 44 anos, saboreia o Mocotó e a música da ilha nos ouvidos. Os fones nascem nas orelhas, para que ele não se perca. Os dois cresceram escutando em Léogâne o batuque dos tambores pelas ruas na Semana Santa. Primo dos primos de Pierre chegou e ficou. Fica mais se o Brasil trouxer emprego e futuro longe para o professor de francês, crioulo e ciências sociais:

– Ele é torcedor do Brasil. E se pergunta quem é esse país?



No caderninho rosa dado como troça pelo amigo Déléard desenrola o português de três semanas. Escuta atento às palavras. Repete frases. Sorri tímido. Não sabe qual vai ser. Quer saber logo. Os fones são desconectados e a música ganha o ambiente. Música que vibra naquele que era cantor tradicional no Haiti. Vibra na moral da festividade natalina que não é só presente, mas um momento de Deus:

– Ao mesmo tempo que aqui é muito diferente: a cultura do Brasil e do Haiti é comum.



Os pés atravessam o pátio com varais das outras kitinetes, passam pelo corredor escuro até chegar ao portão marrom e estar na rua. Logo estão na academia sem nenhum nome exposto nas paredes. Os olhos se tornam ainda mais fixos no colocar e tirar dos pesos de cada aparelho. A mente de quando em vez recorda o trabalho com contabilidade e o pai Desvalon Pierre que já foi casado com espírito. Malha nos intervalos do almoço. Nos três anos de país, as cargas se alternam de acordo com os halteres do tempo.


NY
RALPH LAUREN

A cabeça de Pierre gira e tem muitas cores. Cores que não se decidem. Quer fazer como outros que foram. Quem sabe ir para os Estados Unidos, onde tem namorada haitiana com quem conversa pela internet. Tomar jeito, ter uma mulher só, deixar os espírito de cabelos pretos longe. No quem sabe também estão Marrie que quer estudo para David, e o sorriso tímido de Déléard que por momento espera o português e a sorte brotarem. Assim segue, porque imigrar é corrente que pulsa e que vai sem se importar se é veia ou artéria.